

O Brincar do Bebê

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

O bebê, um parceiro interativo esperado e amado, troca expectativas e projectos baseados na realidade do dia a dia, na qual o jogo emocional se transforma numa força do desenvolvimento.

O bebê humano transporta, no seu genoma, a capacidade de assegurar a sua sobrevivência através da organização do seu comportamento e, assim, torna-se cada vez mais competente, respondendo adequadamente ao jogo interativo que usa como forma de controlar o que o rodeia.

Desta maneira, o bebê usa o seu próprio comportamento como meio de comunicação, entendido pelos seus pais como um jogo afectivo, que proporciona, por sua vez, um prazer progressivo.

Estabelecer as regras do jogo vai de encontro às tentativas de adaptação dos pais, também construídas sobre significado e interpretação, num jogo de descoberta no qual a intervenção dos médicos e educadores desempenha um papel essencial.

A empatia, que se torna possível através das regras do jogo interativo, é, assim, construída sobre expectativas confirmadas que se tornam, progressivamente, representações, que o bebê assimila com o fim de construir os seus sucessivos relacionamentos e descobertas.

Brincar com o bebê é, assim, descobrir quem ele é, é a grande aventura dos nossos dias, numa partilha simultânea de sedução dos pais, transformando jogos afectivos num consistente relacionamento.

O desempenho neuro-comportamental do bebê baseado nesta construção individual é, de certo modo, o paradigma que aproxima o brincar da evidência científica.

Palavras-Chave: Bebê; brincar; desenvolvimento; interacção; empatia.

Summary

The Baby's Play

The baby, an expected and loved interactive partner, exchanges expectations and projects based on everyday reality, in which emotional play becomes a developmental strength.

The human baby brings, in his genome, the ability to ensure his survival through the organisation of his behaviour and, thus, becomes increasingly competent in responding adequately to

interactive play, which he uses as a means of controlling his environment.

It is the way how the baby uses his own behaviour as a means of communication, understood by his parents as an affective game, that brings progressive pleasure to the attachment.

Signalling of the rules of play is crossed with parent's attempts of adequacy, also made up of meaning and interpretation, in a game of discovery in which the intervention of physicians and educators is also supposed to take part.

Empathy, which is made possible by the rules of interactive play, is thus built on confirmed expectations, progressively becoming representations which the baby assimilates in order to build his successive relationships and discoveries.

Playing with the baby and, thus, discovering who he is, is the great scientific adventure of our days, simultaneously sharing seduction of parents, changing affective games into a consistent relationship.

Neuro-behavioural assessment of the baby is based on this construction of self is, in a way, the paradigm which brings play close to scientific evidence.

Key-Words: Baby; play; development; interaction; empathy.

Introdução

Cada vez mais, ao longo de quase quarenta anos de vida clínica, estou persuadido de que a chave do desenvolvimento humano está na representação do brincar.

Dito, porventura, de outro modo, o que é cada um e em que é que cada um se torna, constitui o grande mistério do desenvolvimento. Parte da magia deste enorme desconhecido identifica-se com o modo como cada um interpreta o que se passa consigo, o que se passa à sua volta e, sobretudo, o modo como se processa a relação entre si e os outros. A leitura pessoal desta relação, ou melhor, do significado desta relação, fundamentada na valoração pessoal das emoções, constitui o abstracto do sentido de coerência que faz cada um sentir-se mais ou menos bem «na sua pele», mais ou menos adaptado às circunstâncias da vida, enfim, mais ou menos feliz.

Para mim, brincar, cada vez mais, é o exercício da aprendizagem do sentido individual da coerência. Será, se se quiser, o exercício da afinação deste sentido de coerência, naturalmente desenvolvido numa atmosfera de emoções trocadas, de afectos comungados, de prazeres partilhados.

Em termos antropológicos e filogenéticos, a actividade lúdica é um exercício de confirmação das espécies, de afirmação de sensórios, de construção do eu.

Na espécie humana, brincar representará, afinal, a procura hedónica de uma coerência que é, simultaneamente, fundamento para a sobrevivência e para a construção de uma auto-estima feita garante de uma continuidade, de um progresso, de uma evolução, enfim, de um desenvolvimento, que o sagrado eternizou.

Nalgumas sociedades primitivas, sucedâneas dos predadores-colectores de outrora, o tempo de brincar é mantido na idade adulta, privilegiando uma percentagem considerável da actividade quotidiana dos homens e das mulheres que, assim, identificam vida social com actividade lúdica.

Nestas sociedades de que é exemplo a sociedade Kung que vive no deserto do Kalahari, o bebé é centro daquela actividade lúdica e é, ele próprio, promotor de uma consciencialização de grupo e de uma actividade de aprendizagem continuada em que estão envolvidos todos os grupos etários daquela sociedade.

Nos Kung, tal como noutras sociedades primitivas, as mães andam com os bebés apoiados na anca, encaixando as mães a frente do tórax e abdómen do bebé num dos lados da sua cintura.

Nesta posição, o bebé e a mãe têm, de facto, poucas oportunidades de comunicação visual, nomeadamente face a face, durante o dia de actividade materna. Porém, duas outras constatações são extremamente significativas para a compreensão antropológica da aprendizagem lúdica centrada no bebé.

Por um lado, esta posição do bebé permite uma ampla superfície de contacto pele com pele, viabilizando, nomeadamente, o reconhecimento por parte da mãe de variações fisiológicas mínimas nomeadamente da temperatura da pele, de pequenos tremores e de estados de tensão do pénis anunciadores, por exemplo, de uma micção eminente.

Por outro lado, Mel Konner ⁽¹⁾ que estudou exaustivamente algumas destas sociedades, refere que a posição descrita dos bebés junto das mães viabiliza a oportunidade de uma actividade lúdica por parte das raparigas pré-adolescentes voltadas para os bebés e que é constituída por corridas de vai vem com estimulações múltiplas dirigidas ao bebé, nomeadamente visuais, pois a posição dos bebés permite uma comunicação face a face de que é resultado um contacto visual próximo entre os olhos do

bebé e os olhos daquelas raparigas, familiares ou não entre si.

Estes comportamentos de aproximação rapariga-bebé situar-se-ão, assim, como uma das etapas da continuidade de uma descoberta por parte da criança e dos jovens face ao bebé, assumida socialmente como condição de sobrevivência e como garante de uma aprendizagem lúdica em que o bebé é actor e interventor privilegiado.

Existe hoje evidência científica de que as crianças, desde muito cedo, exibem comportamentos lúdicos específicos para os bebés que lhes são próximos.

Crianças de três/quatro anos, quando se dirigem aos seus irmãos bebés exibem um reportório interactivo expresso por comportamentos lúdicos específicos tais como vocalizações repetitivas, fala de bebé, mudanças de frequência de voz, olhar prolongado, soerguer das sobrancelhas e da saliência dos lábios. Associados a estas expressões e actividades, a criança pode exhibir outros comportamentos assimilados como de mimo tais como o de fazer representações, dar brinquedos, fazer festas, dar beijinhos, tudo isto representando múltiplas actividades de comunicação, significativamente distintas das que aquelas crianças realizam com bonecas em que a actividade lúdica está centrada na execução simbólica de tarefas tais como alimentar, mudar fraldas, dar banho, repreender ou ensinar.

Mais tarde, na adolescência, depois das mudanças sociais ou biológicas da puberdade, delimitam-se, preferencialmente, para as raparigas, as inclinações favorecedoras do cuidar do bebé, da «matérnage» e de toda uma comunicação lúdica com ele.

É provável, pois, que o bebé solicite e induza, dos outros parceiros sociais uma gama de comportamentos lúdicos que se vão diferenciando ao longo do ciclo da vida e que preparam, especificamente, mulher e homem, para os seus comportamentos de expectativa ligados à paternidade.

Nesta breve introdução, temos procurado desenvolver o pressuposto de que o bebé nasce predisposto para brincar e para suscitar atenção e afecto por parte dos seus próximos, determinando neles uma intervenção de carácter lúdico.

A avaliação da sintonia, ou melhor, da contingência que envolve e rodeia a actividade lúdica do bebé com os seus parceiros mais significativos, torna-se hoje uma responsabilidade dos profissionais de Saúde e de Educação, cabendo-lhes a missão de orientar, de identificar riscos e de intervir sempre, adequadamente, no sentido da construção de um sentido de pertença e de um ambiente lúdico de felicidade que sabemos tão bem reconhecer sempre que um bebé nos mostra com o seu olhar e o seu sorriso, que o seu destino se cumpre no reencontro das suas expectativas.

Mas afinal de contas, o bebê brinca?; e, se de facto ele brinca, o que é o brincar do bebê?

Como é que brinca o bebê? Com quem brinca o bebê? O que sente o bebê quando brinca? O que representa, para ele, brincar? Para que serve brincar? Para que servem, de facto, as primeiras experiências de brincadeira do bebê? Qual o significado para a vida da oportunidade de brincar, desejadamente bem, em cada fase da vida e preferencialmente, nos primeiros tempos de vida?

Creio serem estas as questões fundamentais que estão implícitas no título deste escrito.

Sinto ser meu desafio tentar discutir estas questões porventura ainda não integralmente respondidas no panorama científico mundial.

A última metade deste século deu-nos a evidência, agora já consagrada, de que os bebês são seres sociais activos e competentes logo ao nascer, ao contrário da lenda anterior (todavia realidade da formação médica tradicional) de que cada bebê era um mero recipiente passivo dos cuidados prestados nomeadamente pelos seus progenitores. Neste contexto, as últimas décadas têm sido o período de ouro da já denominada ciência do bebê em que toda a investigação tem convergido na fundamentação de que o bebê é capaz, logo no período de recém-nascido, de perceber a contingência versus não contingência do mundo que o rodeia e integrar a informação que provém desse mundo através dos múltiplos canais sensoriais de que é provido, tornando-se assim um parceiro interactivo não só competente como imprescindível e insubstituível para os seus pais.

A neurociência de hoje explica o que há anos atrás, Papoušek e Papoušek ⁽²⁾ definiam e que chamavam de regulação comportamental, regulação essa habilitadora das respostas adaptativas do bebê, sobretudo no seu jogo de comunicação com os seus mais significativos.

Na perspectiva de Brazelton ⁽³⁾, a expressão individual do desenvolvimento de cada bebê é conferida pela interface dinâmica entre os sistemas interiores e exteriores do bebê por um lado e, por outro, pela força natural que é conferida pela potencialidade de um genoma, determinante, entre outras expressões, de um sistema nervoso central que proporciona tudo o que conhecemos em termos de etapas do desenvolvimento humano, programado para um sentido de coerência.

São parte dos sistemas interiores do bebê, autênticos modeladores das potencialidades básicas de cada indivíduo, os seus sistemas de regulação dos estádios, de regulação da habituação, de regulação autónoma, de orientação interactiva.

Tal como num sistema de rodas dentadas, é esta interface dinâmica o substracto da aprendizagem e o bebê, sabemo-lo hoje também, é dotado de uma motivação natural para a integração de todos os seus sistemas nas

descobertas progressivas decorrentes da sua própria aprendizagem, significando essa motivação uma progressão para o prazer que retira de cada fase daquelas suas intermináveis descobertas.

O bebê interpreta essas descobertas como jogo, jogo este identificado como vida, como destino.

Neste jogo, aprendemo-lo também em todos estes anos, há regras estritas e extremamente sensíveis que bebê e parceiros significativos conhecem ao milímetro e ao segundo e, mais do que em distância e tempo, o bebê conhece em termos de expectativa emocional.

Tal como uma qualquer brincadeira de criança mais velha, a brincadeira do bebê desenvolve-se num sistema de regras profundamente exigentes e selectivas que, progressivamente, transformam comunicação em relação.

A interacção mãe-bebê desde os primeiros segundos da vida é o paradigma mais perfeito do brincar.

A brincadeira mãe-bebê estabelece-se numa sequência de períodos – períodos lúdicos – que duram entre breves segundos e alguns minutos e em que cada um dos actores envolvidos fixam o seu alerta nos comportamentos sociais do seu parceiro significativo reagindo a esses comportamentos com os seus próprios comportamentos de resposta, de estimulação e de sintonia.

A dotação genética do bebê que o predispõe para as suas primeiras experiências lúdicas, é constituída por uma habilitação natural para captar estímulos que ele cedo reconhece que lhe são dirigidos, para a repetição desses estímulos e, sobretudo, para a harmonia desses estímulos com os seus ritmos de atenção, de pausa e de sintonia que faz com que bebê e mãe sintam que tudo o que se vai passando entre eles faz sentido, isto é, tem coerência e se dirige a um propósito partilhado e, por isso, progressivamente conseguido.

O propósito é a construção de uma relação.

A predisposição genética implica, também, algumas limitações que condicionam o próprio brincar dos primeiros tempos.

Uma dessas limitações é, por exemplo, a distância do campo de visão do bebê recém-nascido. O bebê, nos primeiros tempos de vida só é capaz de focar bem objectos a cerca de vinte centímetros de distância.

Esta «programação» de origem faz com que o bebê quando nasce ou quando ao colo da mãe para mamar olhe preferencialmente para os olhos, para o claro escuro da íris e esclerótica, da pálpebra, da sobrancelha e, também, para o movimento, desde o pestanejar à motilidade labial.

Reconhecemos hoje que a imagem do rosto humano está codificada no nosso genoma, inscrita no nosso sistema nervoso central e expressa no nosso comportamento de procura e de adequação.

Do recém-nascido ao idoso sabemos que na nossa espécie, todo o significado das relações passa, preferencialmente, por episódios de adequação do olhar que selam propósitos, intenções ou projectos, mediados, naturalmente, pelo afecto.

A génese do vínculo está indubitavelmente ligada, de facto, ao jogo visual.

Nos múltiplos episódios interactivos, por vezes com a duração de breves segundos apenas em que são protagonistas um bebé e a sua mãe, é patente o «attunement» descrito por Steru, isto é, a sintonia do apego mediada pelo olhar que faz desviar corpo e cabeça, enfim, pelas emoções que visam, entre outras oportunidades, cruzar o olhar de um no outro, nesse primeiro jogo da relação que é afinal, o da afinação de uma coerência.

Cada oportunidade desta afinação é regulada por períodos alternados de atenção e de «desconcentração».

Cada período de brincadeira começa invariavelmente com a mãe e o bebé a tentarem «agarrar» o olhar um do outro. Se a mãe ou o bebé desviam o olhar nem que seja por uma fracção de centésimos de segundo, o outro interpreta a brincadeira como que terminada, pelo menos nessa oportunidade.

Se os olhares se reencontram, de novo, ambos têm como que a responsabilidade de sinalizar, um ao outro, a sua intenção de se reempnarem em novo período da brincadeira, porventura só visual.

A mãe sinaliza com uma expressão facial que, por exemplo, associa o franzir de sobrancelhas, ao abrir os olhos mais que o habitual, ao abrir e fechar rítmico da boca, à lateralização subtil da cabeça, etc.

Pelo lado do bebé, o ritmo de progressão da sua excitação face aos estímulos recebidos tem, também, a contrapartida que conhecemos bem. Os olhos do bebé como que ficam esbugalhados, as sobrancelhas mexem-se num esforço de concentração ocular, a boca abre-se subtilmente e, progressivamente, escancara-se um sorriso.

Enquanto isto, a cabeça vai mudando de posição para se colocar «en face» e, por vezes, pescoço e tronco movimentam-se para a frente como se posicionando para um aninhamento sintónico com o resto desta brincadeira de atracção mútua.

Cada período de brincadeira está, em geral, subdividido por episódios alternantes de atracção repletos de comportamentos sociais semelhantes aos já descritos e por episódios de pausa que são oportunidades de repouso e de silêncio reparador indispensáveis à preparação do período seguinte de brincadeira.

O estado de alerta que propicia cada momento da brincadeira visual envolve uma concentração extraordinária que, de certo modo, reúne toda a disponibilidade do bebé para o jogo interactivo.

Neste jogo interactivo é tal a propensão para a sintonia, para a reprodutibilidade das emoções e das expressões que a imitação surge como um mero fenómeno de emanência.

Nesta sequência é patente o fluir desta predisposição para uma brincadeira que sequencialmente, mês após mês, ano após ano, a criança não deixa de repetir infinitamente.

Nesta disponibilidade tácita para a brincadeira a regra implícita é a de que tudo é pressuposto, tudo é expectativa de sequências intermináveis que culminam na contingência, isto é, na afinação de uma coerência que significa, por sua vez, que cada episódio da brincadeira encetada faz sentido nesse jogo que é, de facto, previsto, em termos de propósito e de resultado.

Assim, qualquer pequeno desvio, por mais subtil que seja, no fluir desta expectativa, trai a sequência, cria a não contingência e conduz ao caos.

O ruir da regra do jogo, logo nestas primeiras fases da vida, ensina o que é a anti-coerência da vida.

É o que se passa com o «still-face». O «still-face» é uma construção laboratorial em que se induz a anti-contingência através de uma violação das regras do jogo traduzidas por uma «ordem» dada à mãe no sentido de parar o fluir da brincadeira, travando, subitamente, as trocas interactivas com o bebé.

Visionámos várias sequências da interacção entre mães e bebés recém-nascidos, em que foi introduzido o «still-face».

Subitamente, de acordo com as nossas instruções, a mãe parava o fluir da brincadeira, traindo, assim, as expectativas do bebé.

O que se vê é a expressão da não contingência que leva ao caos identificado com o sem sentido, com a não coerência.

Quando a brincadeira interactiva, associadamente ou não à visual, à táctil, à olfactiva, é auditiva, as regras do jogo são, porventura ainda mais críticas no construir da contingência que propicia a paixão, determinante da solidez e da coerência da relação.

Na brincadeira auditiva, os elementos fundamentais que fazem parte do jogo são o ritmo, a repetitividade e o intervalo ou silêncio.

Cada díade, par mãe-bebé tem o seu ritmo característico, assente, fundamentalmente, na regularidade.

O ritmo pode ter várias flutuações sistematizadas no grau da ênfase, da vivacidade, da frequência e, fundamentalmente, da melodia.

É através da melodia que cada bebé reconhece, mesmo de olhos fechados, a voz da sua mãe entre um espectro enorme de outras vocalizações, provenientes de outras mulheres.

A regularidade do ritmo das vocalizações da mãe, a par da melodia tem, para o bebé, um significado enorme.

No nosso entender o que é significativo na construção da vida mental do bebé é a construção sistemática de hipóteses, a partir de interpretações de cada ocorrência, de cada experiência lúdica.

A repetitividade, tal como o intervalo-silêncio na sequência do ritmo em cada vocalização fornecem a música que faz o sentido ou seja o perfume e a coerência de cada episódio lúdico.

O ritmo e a melodia do fluxo das sucessivas unidades de jogo vocal é o que fornece, de facto, a música que viabiliza o sentido de coerência da interacção, ou seja, a contingência da comunicação.

A representação que cada bebé faz de cada uma das brincadeiras interactivas é o que o faz alicerçar melhor ou pior, a coerência do vínculo sobre a qual ele vai fundar as futuras expectativas face às suas relações futuras.

A organização da competência de discriminar sintonia a partir da brincadeira sonora é, ontogenicamente, muito anterior ao nascimento.

Em 1957, Winnicott ⁽⁴⁾, anunciava, antecipatoriamente ao que décadas depois viria a ser plenamente confirmado cientificamente, o seguinte:

«De certo modo, antes que vós (mães) tenhais ouvido o seu primeiro grito (o som do vosso bebé) e que tenhais a oportunidade de o olhar e de o abraçar, já ele vos conhece melhor que vós o conheceis a ele».

A informação científica de hoje, sustenta, de facto, a noção de que as experiências pré-natais poderão ser já interpretadas como actividades lúdicas representativas do jogo comunicativo que se desenvolve, dinamicamente imparável, a partir do nascimento.

Graças à metodologia dos potenciais evocados, sabemos hoje, por exemplo, que os órgãos de audição está já activos muito antes do nascimento e, neste domínio, terá sido também relevante a demonstração de que a cóclea começa já a ser funcional cerca de 20.^a semana de idade gestacional.

Não será, pois, de admirar que o recém-nascido, imediatamente a seguir ao nascimento, seja tão sensível ao som, orientando o seu alerta sensorial em função da fonte sonora.

De todas as fontes potencialmente agradáveis ao bebé, a voz da mãe é, sem dúvida, o melhor estímulo para aquela orientação e estamos hoje certos de que esta sensibilidade estará, por vários modos e vias, condicionada às experiências acústicas pré-natais.

A melodia que representa, precisamente, a variação da frequência do som laríngeo, dá um ar de canção à

palavra, fenómeno a que, também, por vezes chamamos entoação.

De facto, quando falamos, damos a cada sílaba uma inflexão particular que está directamente relacionada, entre outros factores, com o afecto que inspira toda a nossa comunicação.

É difícil estudar a melodia no plano linguístico. Não correspondendo, de facto, a um sistema simbólico, o seu significado é, porém, muito anterior ao dos elementos fonéticos propriamente ditos, estando sobretudo associado a estruturas arcaicas que são, entretanto, extremamente significativas para o bebé. A investigação mais recente em Neurofisiologia clarifica hoje muito do que até há pouco não passava de hipóteses e de mistério.

É, por exemplo, por intermédio da tomografia por emissão de positrões que se pode visualizar a distinção entre actividade cerebral em repouso e em fase de concentração, quando da oportunidade de uma comunicação falada a que a melodia empresta o significado específico da diferença mais subtil.

Estudámos os fenómenos da comunicação sonora que ocorrem durante os primeiros contactos mãe-bebé e haverá, provavelmente, a este nível, padrões de descoberta correspondentes aos da abordagem maternal através do tacto e do olfacto ⁽⁵⁾.

Realizámos o levantamento exaustivo das formas de chamamento utilizadas pelas mães face aos seus bebés, bem como dos atributos que lhes dirigiram, uma vez que os modos de comunicação precoce da mãe com o filho são de uma importância enorme para a compreensão da emergência do bebé como ser individual, sexuado e ainda como parceiro social significativo.

Quando as mães se dirigem aos seus filhos durante o contacto precoce, imediatamente a seguir ao nascimento, utilizam uma linguagem conhecida como «fala de bebé». Este modo de comunicação é constituído, sobretudo, por interjeições, exclamações, mas também por frases, quer com palavras isoladas, quer com associações de duas ou três palavras, raramente mais.

As categorias mais representadas dizem respeito a expressões simples de apaziguamento (Pronto!, Já passou!; Pois é!), a esforços de interpretação do comportamento do bebé (Que foi?!; Tem frio?; Tem fominha!; Ele tem muita fominha!) e ainda, com bastante frequência, há também apelos que parecem significar um esforço integrativo de uma realidade porventura ainda não totalmente assegurada (É o meu bebé, e?!; ele é o meu pequenino?!).

Através da recolha destes trechos comunicativos, apercebemo-nos que grande parte da linguagem materna dirigida ao bebé surge como um monólogo interior, verbalizado através de expressões melódicas extremamente ricas e que hoje entendemos como veículos

estruturantes de uma vinculação organizada a partir de séries contínuas de descobertas e de oportunidades de contingência.

Do lado do bebé, ele identifica a melodia da voz da sua mãe, comunica retroactivamente através de espantosas reproduções das curvas melódicas maternas e é em todo este contexto que, como parceiro fiável e significativo se torna um interlocutor preferencial dos seus pais.

Estudámos também estes parâmetros componentes das curvas melódicas da comunicação sonora mãe-bebé durante o contacto precoce pós-natal. Através de um aparelho Visipitch que é um analisador de melodias computadorizado, pudemos investigar exaustivamente os trechos gravados das várias situações de interacção, desde os primeiros segundos após o nascimento.

Num dos nossos estudos mais recentes, investigámos a evolução das contingências maternas no contexto da comunicação com o bebé, durante os dois primeiros anos da sua vida.

Sucessivamente, pudemos ver a evolução destas contingências em cinco áreas distintas do comportamento comunicativo: exploração, interacção, prazer, consolação e desprazer.

Pudemos ainda constatar a evolução das contingências infantis, sendo óbvio o significado dominante do prazer e da interacção enquanto comportamentos preferenciais do bebé, sobretudo quando é avaliada a sua maior ou menor adequação face aos comportamentos maternos.

A partir dos nossos dados, fomos então olhar para a globalidade do comportamento contingente e anti-contingente na comunicação mãe-filho ao longo dos primeiros vinte e quatro meses de vida do bebé.

Verificámos, então, não existir praticamente anti-contingência (esclareça-se que a nossa população era constituída por díades completamente normais) e a curva das contingências agrupadas, não sendo obviamente regular, mostra um pico aos 12 meses, o que é um aspecto interessante quando reflectimos, por exemplo, sobre a evolução espantosa da comunicação com o bebé ao longo do primeiro ano da sua vida.

Mas mais extraordinária é ainda a análise das contingências maternas e infantis em simultâneo, ou seja, a análise da adequação interactiva entre mãe e bebé no decorrer dos dois primeiros anos de vida infantil.

Poder-se-ia dizer que chegámos à porta do mistério que envolve a descoberta mútua mais extraordinária do universo e que implica a procura sistemática de uma contingência partilhada por mãe e bebé nos primeiros tempos de vida.

Deverei dizer que todas as curvas obtidas são-no a partir de dados de uma investigação complexa e morosa, em que foram detalhadamente estudados centenas de itens

integrados em dimensões que perspectivam a mutualidade dos vários comportamentos de comunicação.

O apogeu da contingência, é finalmente conseguido, quando é avaliada, especificamente, a interacção propriamente dita. Quer dizer, embora a análise dos comportamentos maternos e infantis tenha sido feita separadamente, quando o estudo estatístico confronta, em simultâneo, os resultados, o mistério transforma-se como que por encanto e o segredo passa a ser descoberta – a descoberta de uma contingência perfeita – que se repetirá, porventura, nas relações mais significativas das nossas vidas.

A comunicação sonora é apenas uma entre múltiplas modalidades comunicativas e a comunicação com o bebé será o paradigma desta diversidade espantosa de formas e modos de comunicar, em que é sempre possível identificar uma maior ou menor contingência de comportamentos.

Antes de evoluir num contexto predominantemente social, o homem teve de assegurar mecanismos estáveis de ligação e teve ainda de assimilar mecanismos viáveis de aprendizagem, por sua vez adaptáveis a uma constante dinâmica que se identifica com a vida de relação.

Esta procura incessante de mecanismos de descoberta que asseguram uma ligação estável é, precisamente, o apanágio da comunicação materna com o bebé e é a contingência desta comunicação, mesmo durante o sono, que representa a expressão fiável daquela descoberta.

É, porém, a forma individual de cada um comunicar que transforma o animal oportunista que, num contexto de adaptação, o homem é, numa pessoa única para o seu parceiro de comunicação se, e eventualmente, algum deles tiver podido identificar alguma forma de contingência em qualquer modalidade da sua interacção.

Em toda a nossa comunicação, em toda a comunicação com o bebé, funcionam, como abstracto operante, os nossos sistemas intrínsecos de regulação. São os nossos sistemas de regulação, nomeadamente, aqueles que modelam as nossas relações mais precoces, que importa conhecer no contexto das diferenças individuais e no contexto dos processos adaptativos, em todo o decurso do desenvolvimento.

É possível e desejável descobrir estes sistemas, de uma forma profunda e completa, logo no período de recém-nascido.

Com efeito, a descoberta de cada bebé na sua individualidade é um factor determinante como ponto de viragem para a nossa actuação como técnicos de intervenção na criança e na família.

É com base na evidência do significado desta descoberta que foi fundamentada, por Brazelton, a avaliação neuro-comportamental do recém-nascido ⁽⁶⁾.

Nesta avaliação feita descoberta, observador e pais partilham essa descoberta essencialmente radicada nos sistemas interiores do bebé – regulação dos estádios, regulação autónoma, actividade motora e orientação interactiva propriamente dita.

Temos procurado explicar algumas circunstâncias ou situações de brincadeira do bebé que representam os fundamentos da relação, ou seja, a estrutura básica dos vínculos de cada bebé. Para Bowlby ⁽⁷⁾, esta estrutura corresponde aos «working models» ou seja a rede que é a matriz de todas as futuras relações em função do modo como o bebé interpreta cada etapa intercalar que, no fundo, é cada uma das suas sucessivas experiências lúdicas no jogo interactivo que estabelece com os seus significativos.

Stern ⁽⁸⁾ escreve que «*uma relação é determinada pela história de todas as interacções individuais implicando, porém, mais que a soma total de interacções passadas e presentes*».

No fundo, esta implicação tem a ver com a interpretação que fase a fase o bebé faz de cada brincadeira, de cada experiência, construindo a partir delas a sua imagem mental, isto é, o seu próprio modelo representativo do outro e da relação que estabelece com esse outro.

De certo modo, recriamos o postulado de Piaget de que a formação dos esquemas mentais de cada um se processa através de uma interiorização de actos, situações e percepções, resultantes desses mesmos actos.

Julgo que o mistério do que representa a expressão precoce e do que são os efeitos da organização dos vínculos, para cada bebé, se radica no tipo de esquema mental (no conceito Piagetiano) que cada bebé vai construindo, nomeadamente a partir das brincadeiras que lhe são propiciadas e, sobretudo, do modo como essas brincadeiras se sintonizam com as suas expectativas conferindo, mais ou menos, a percepção de um pressuposto sentido de coerência.

Seis meses depois das primeiras experiências lúdicas do bebé recém-nascido, viabilizadas nas suas intervenções com os seus mais significativos que, naturalmente, são os seus pais, o bebé aprende a discriminar o estranho identificado como aquele que não existe no seu pressuposto de coerência lúdica.

A reacção ao estranho, o reconhecimento da separação, a ansiedade de perda, a consciencialização da incoerência, tudo são imanências de uma intersubjectividade que explica uma nova ordem de competências do bebé desta idade, já então capaz de interpretar e sobretudo, de expressar, o que é para si não contingente, o que é frustração de expectativas e o que é, no fundo, incoerência.

Creio que todos acreditamos ser cada brincadeira entre mãe e bebé, entre pai e bebé, entre irmãos, entre os

sucessivos significativos da criança e ela própria, uma oportunidade de comunicação onde é pressuposta a contingência feita de afinidades, na base de uma melodia partilhada.

É esta melodia qual componente de uma música geneticamente codificada e que é progressivamente assimilada, melhor ou pior como uma contingência, como uma empatia, como uma relação, que faz, por sua vez, construir, melhor ou pior, a coerência da vida.

Creio estarem praticamente respondidas ou, pelo menos, equacionadas, todas as questões que formulei no princípio deste escrito.

Faltarão, todavia, responder à que, porventura, será a mais grave, em termos de significado potencial para todo o desenvolvimento humano.

Para que servem as primeiras experiências de brincadeira do bebé?

A resposta a esta questão essencial do desenvolvimento humano é, fundamentalmente, ainda, de ordem filosófica.

Existem razões hoje bem fundamentadas para crer que tanto o mito determinista fundamentado nas virtudes da experiência precoce como a tese que concentra a influência no desenvolvimento nos factores sociais e emocionais que decorrem ao longo da vida, são explicações credíveis que, sobretudo, orientam actualmente o nosso juízo para uma terceira via do entendimento do porvir baseada no modo como cada criança vai interpretando os acontecimentos da sua vida nomeada e principalmente os de ordem afectiva.

O brincar do bebé é, porventura, o paradigma das experiências mais significativas da vida infantil e, esse brincar, também, será «lido» por cada criança, como componente de um percurso, como expressão de uma expectativa, como experiência sensível que faz mais ou menos sentido em função dos auto-modelos interiores, do ambotipo individual, do fluir de um percurso necessariamente partilhado com outros por sua vez, vão sendo considerados, por cada um, como mais ou menos significativos.

O brincar do bebé será, a meu ver, um dos determinantes cruciais da coerência e, em função dela, da felicidade da vida.

É esta, hoje, a postura da nossa crença.

Bibliografia

1. Konner M. Childhood. Boston: Little Brown and Company, 1991.
2. Papouseck e Papouseck. The infant's fundamental adaptative response system on social interaction. In: E. Thoman (ed.) Origins of the Infant's Social Responsiveness. Hillsdale. New York: 1979.
3. Brazelton TB. Early Intervention: What does it mean? In: H. E. Fitzgerald, B. M. Lester & M. W. Youngman (Eds.), Theory and research in behavioral pediatrics. 1982: Vol. 1, 1-34.

4. Winnicot DW. The family and individual development. London: Tavistock Publications Limited, 1978.
5. Gomes-Pedro J., Patrício M. Comunicação e Desenvolvimento dos vínculos da Criança. *Acta Pediatr Port* 1997; 4: 307-11.
6. Brazelton TB. Neonatal Behavioral Assessment Scale. Heinemann Medical, London, 1973.
7. Bowlby J. Attachment and Loss (Vol. I), Basic. New York, 1982.
8. Stern D. The First Relationship – Infant and Mother. Cambridge: Harvard University Press, 1980.